**RESSIGNIFICANDO A PRÁTICA DOCENTE: O PROFESSOR DO “FUTURO” E OS ALUNOS NATIVOS DIGITAIS**

Reinaldo Alves Teixeira

Doutorando em Ciências da Educação – UNIVERSIDAD GRENDAL

**RESUMO**

O presente trabalho objetiva refletir acerca da prática docente na contemporaneidade. Partindo do conceito de Nativo Digital, discorreremos acerca das especificidades e demandas inerentes a esse novo público da educação, caracterizando suas práticas sociais, seus comportamentos e as peculiaridades do *ciberespaço*, considerado como palco no qual ocorrem os espetáculos do público Nativo Digital. Discorremos também acerca da tão propalada sociedade intensiva de conhecimento, marcada pelo uso de tecnologias, principalmente as tecnologias comunicacionais e informacionais, as quais fizeram irromper um número de dispositivos sem precedentes, que vão desde os computadores aos sofisticados *smartphones*. Tais dispositivos, aliados a ferramentas como a internet, aos aplicativos e as redes sociais, compõem a trilogia perfeita para a constituição do universo dos nativos digitais. Nesse novo espaço de sociabilidades, a ação docente deve ser pautada não pela transmissão de conhecimentos, mas sim pela pesquisa, orientação e estimulação, cujo resultado seja uma aprendizagem reconstrutiva e libertadora, em detrimento a um ensino transmissivo e instrucionista.

**Palavras-chave:** Nativo digital. Prática docente. Aprendizagem reconstrutiva.

**INTRODUÇÃO**

O futuro já começou. Essa afirmação precisa servir como um alerta para repensar e refletir sobre a prática docente na atualidade. Nos dias atuais, muito se tem discutido acerca dos desafios que os professores e as professoras tem encontrado no exercício da docência. Tais desafios são o reflexo da complexidade da sociedade contemporânea e das relações que se dão no seio dessa sociedade. É certo que estamos vivendo um período da história humana marcado, sobretudo, pelo uso sem precedentes das tecnologias. Em nenhum outro período da história da humanidade a tecnologia produziu, em tão pouco tempo, impactos tão significativos na vida humana e na forma como os seres humanos se relacionam uns com os outros. O cotidiano se tornou o palco no qual os espetáculos midiáticos são transmitidos em tempo real para todas as partes do mundo (EVANGELISTA, 2001).

O planeta Terra está unificado eletronicamente de tal forma que a relação entre pessoas que vivem em continentes diferentes é algo natural (ANDERSON, 1999). O surgimento das redes sociais *online* permite que as relações de amizade entre as pessoas possam existir sem que o contato físico seja, necessariamente, o cerne da relação, de forma que a relação de pessoa a pessoa é substituída pela relação com um vídeo (ROUANET, 1987). Grupos de amigos são formados nas redes sociais entre pessoas distantes, de nacionalidades diferentes, mas de ideologias e interesses congruentes. A vida *online* se tornou comum, sobretudo, a partir das duas ultimas décadas do século XX (HOBSBAWM, 1995). Embora não seja exclusiva da geração de indivíduos dos anos 1990, a vida *online* é, para estes, a única realidade existente, visto que eles não tiveram acesso a formas anteriores de comunicação e de relacionamentos. Essa geração de indivíduos, que nasceu no ápice das tecnologias da comunicação e informação, é chamada, pelo pesquisador americano Marc Prensky de “Nativos Digitais” (2001, *apud* LEMOS, 2009).

Neste cenário planetário, em que a tecnologia é o principal elemento de mediação do contato entre pessoas, é pertinente refletir sobre o modo como a educação escolar tem respondido às demandas do mundo digital, especificamente no que concerne a prática docente no cotidiano escolar. A partir da obra *Professor do futuro e reconstrução do conhecimento*, do brilhante pensador Pedro Demo (2009), procuraremos refletir, no presente trabalho, em que medida a prática docente contemporânea tem contemplado as demandas dos alunos Nativos Digitais e da sociedade intensiva de conhecimento. Para empreendermos a nossa reflexão, iniciaremos contextualizando o mundo dos nativos Digitais e as suas peculiaridades para, em seguida, discorrermos acerca da visão do educador Pedro Demo sobre o que ele conceitua como aprendizagem reconstrutiva.

***CIBERESPAÇO*: O MUNDO DOS NATIVOS DIGITAIS.**

Na contemporaneidade, é incontestável a centralidade que as mídias tem assumido nas relações humanas em geral e na vida dos indivíduos em particular. Não se pode compreender, ou fazer uma análise, ainda que de forma superficial, da sociabilidade humana na atualidade, sem levar em consideração alguns elementos determinantes da mediação das relações humanas. Entre estes elementos, podemos destacar o computador. Este aparato tecnológico, juntamente com a Internet – ferramenta sem a qual o computador não pode ser concebido hoje – criaram maneiras especificas no que concerne a comunicação e as formas de agir, amar, falar, escrever, fazer amizades, estudar, trabalhar, isto é, no que diz respeito as formas de relacionar-se.

Além do computador e da internet, percussores da revolução das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTIC), existe uma infinidade de outros aparatos tecnológicos, a exemplo dos Smartphones, das Webcans, dos Tabletes e de um número infinito de aplicativos que permitem a comunicação instantânea por meio de mensagens de texto, de áudio e de vídeo. As NTICs trazem em seu bojo uma nova forma de cultura, mais universal, que permite que os acontecimentos da vida real ocorram em um espaço virtual – *Ciberespaço* – no qual o contato físico não é necessário e onde as relações são incrivelmente diferentes. Essa cultura própria das NTICs é chamada, por muitos estudiosos, de *Cibercultura*, a qual ocorre em um espaço próprio, que é o *Ciberespaço*. Conforme nos assegura o filósofo Pierre Lèvy (1999, p. 32), “as tecnologias digitais surgiram, então, como a infraestrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento”.

O *Ciberespaço* constitui-se, portanto, no palco onde grande parte das relações humanas acontecem. A produção de conhecimentos sempre esteve presente, em menor ou maior grau, em todas as sociedades humanas desde que o homem inventou a escrita. No entanto, a circulação de informações até a primeira metade do século XX era restrita e condicionada às imposições geográficas e aos limites territoriais. Com as NTICs, os limites geográficos para a difusão do conhecimento desaparecem, de tal forma que a circulação do conhecimento ocorre simultaneamente à produção deste. Isso só foi possível a partir da década de 1990 graças ao *Ciberespaço*. A esse respeito, Lèvy (1997, p. 17) afirma:

“O espaço do novo nomadismo não é o território geográfico nem o das instituições ou dos Estados, mas um espaço invisível dos conhecimentos, dos saberes, das forças de pensamento no seio da qual se manifestam e se alteram as qualidades do ser, os modos de fazer sociedade. Não os organismos do poder, nem as fronteiras disciplinares, nem as estatísticas dos mercados, mas sim o espaço qualitativo, dinâmico, vivo, da humanidade que se inventa ao mesmo tempo que produz o seu mundo”.

Como é possível inferir, o *Ciberespaço* é um território que não possui fronteiras e no qual podem atuar diversos indivíduos simultaneamente como sendo leitores, autores e coautores das mais distintas formas de conteúdos. Nesses territórios virtuais atuam atores e produtores anônimos, como é o caso das salas de bate papo e dos perfis fakes que podem ser criados nas diversas redes sociais. No entanto, esse mesmo território abre a possibilidade para a existência dos ambientes de interação e cooperação, como é o caso dos grupos de discussões e dos diversos fóruns temáticos, cuja inserção nos mesmos se dá por meio da identificação.

Seja de forma anônima ou deliberadamente identificada, as territorialidades do *Ciberespaço* se constituem como um novo mundo, o qual, necessariamente, exige novos atores históricos e sociais. De acordo com Velloso (2008, p. 107) “a relação entre o usuário e o computador implica interfaces que se dão através de *softwares* que medeiam as interações entre ambos... instauram-se novos olhares, novas percepções e novas concepções para com o mundo, o que redunda em outras posturas e condutas humanas...”. Neste novo mundo, as relações entre humanos tornam-se mediadas pelas conexões à cabo e *Wi-Fi*. As tecnologias presentes nos diversos aparelhos eletrônicos de comunicação, principalmente nos *Smartphones*, possibilita a comunicação instantânea por meio de mensagens de texto, áudios e vídeos, possibilitando, desta maneira, que o contado virtual (*online*) entre as pessoas seja muito mais frequente e em maior intensidade do que o contato físico (real).

A emergência do mundo virtual, possibilitado por meio das conexões *online*, paradoxalmente, tornou os humanos mais próximos e distantes. Próximos pelo fato de que as redes sociais permitem que indivíduos que vivem a milhares de quilômetros de distância possam se comunicar, por meio de aplicativos, em tempo real. Próximos também por que as redes sociais permitem que possamos seguir e curtir, em tempo real, os passos e as práticas dos nossos amigos, namorados, conjugues, ídolos, etc. No entanto, toda essa proximidade está, paradoxalmente, acompanhada da possibilidade distanciar-se de todas essas pessoas com um único *click*. É possível manter-se distante, durante horas, e até dias (se houver quem suporte) das dezenas de amigos virtuais/reais do *Facebook* e dos contatos e grupos do *WhatsApp*. Para isso, basta somente marcar a opção *off-line* ou desligar os dados móveis e a rede *Wi-Fi* do smartphone.

Embora todas essas possibilidades possam parecer impraticáveis ou soar de forma estranha para muitos indivíduos, principalmente aqueles e aquelas que nasceram antes da década de 1990 – incluam-se aqui quase todos os professores e professoras no exercício da profissão – a vida *online* é a única realidade vivida pelos humanos da ultima geração, ou seja, aqueles e aquelas que nasceram nos últimos 25 anos. Esses jovens fazem parte da primeira geração totalmente imersa no mundo das tecnologias. Essa geração é chamada, pelo pesquisador Norte americano Marc Prensky (2001, *apud* LEMOS, 2009, p. 39), de Nativos Digitais, os quais “são acostumados a receber informação muito rápido. Eles gostam de processos paralelos e ao mesmo tempo. Eles preferem gráficos a textos. Utilizam acessos randômicos como hipertextos e funcionam melhor em rede. Os nativos digitais preferem jogos do que ‘trabalho sério’”.

Seguindo essa mesma perspectiva, John Palfrey e Urs Gasser (2011) colocam que a os jovens que estão se tornando nossos alunos são diferentes de nós em muitas dimensões. Nós, que somos mais velhos do que os nossos alunos apenas uma geração, tivemos que reaprender a viver para viver imersos no mundo digital. Tivemos que fazer uma migração, por assim dizer, para o mundo digital. Somos *Imigrantes Digitais* (PRENSKY, 2001, *apud* LEMOS, 2009). Os nossos alunos, no entanto, já começaram a aprender na linguagem digital, de forma que essa é a única linguagem que eles conhecem:

Ao contrário de muitos Imigrantes Digitais, os Nativos Digitais passam grande parte da vida *online*, sem distinguir entre online e *offline*. Em vez de pensarem na sua identidade digital, e em sua identidade no espeço real como coisas separadas, eles tem apenas uma identidade (com representações em dois, três ou mais espaços diferentes). São unidos por um conjunto de práticas comuns, incluindo a quantidade de tempo que passam usando tecnologias digitais, sua tendência para multitarefas, os modos como se expressam e se relacionam um com outro de maneiras mediadas pelas tecnologias digitais, e seu padrão de uso das tecnologias para ter acesso, usar as informações e criar novo conhecimento e novas formas de arte (PALFREY e GASSER, 2011, p. 14).

Os jovens Nativos Digitais usam as tecnologias – *Smartphones*, *Apps*, *redes sociais* – como únicas mediadoras das relações humano-com-humano. Os Imigrantes Digitais, por seu turno, embora façam uso dessas mesmas tecnologias para relacionar-se, o fazem de forma moderada ou com ressalvas; tanto pelo fato de não dominá-las plenamente, quanto pelo fato de não concebê-las como suficientes para a manutenção de laços duradouros. Já os Nativos Digitais, por outro lado, não conhecem nada além de um mundo de relações que não sejam digitais, uma vez que “estão constantemente conectados... Mesmo enquanto dormem, – conexões são realizadas online e ficam arquivadas para eles as encontrarem a cada novo dia quando despertam” (PALFREY e GASSER, 2011, p. 14-15).

Podemos perceber que existe uma clara divergência entre o mundo concebido pelos Nativos Digitais e o mundo concebido pelos Imigrantes Digitais. Tal divergência nas formas de conceber o mundo produz uma distinção nas identidades desses dois grupos e na relação entre ele, seja essa relação entre pais/mães e filhos/filhas, seja na relação entre professor/professora e aluno/aluna, pois como afirmam Palfrey e Gasser (2011, p. 14-15), “os Nativos Digitais não apenas encaram a amizade de maneira diferente de seus pais; eles também se relacionam com a informação de modo diferente”. Os autores chamam a nossa atenção para a forma como os Nativos Digitais encaram a música. Durante muito tempo os jovens foram as casas dos seus amigos para ouvir música, compartilhar LPs e CDs novos ou antigos. A música podia ser um indicativo de uma identidade partilhada a partir de um novo disco, por exemplo. Os Nativos Digitais continuam a ouvir música e a compartilha-las. Isso não mudou. No entanto, é muito pouco provável que essa experiência ocorra em um espaço físico, pois a vida *online* lhes permite compartilhar áudios e cada um ouvir individualmente com os seus fones de ouvidos plugados em um *Smartphones*, seja na rua, em casa ou em uma longa viagem.

Outra caraterística definidora dos Nativos Digitais é que eles são extremamente criativos. “É impossível dizer se são mais ou menos criativos do que as gerações anteriores, mas uma coisa é certa: eles se expressam criativamente de formas muito diferente daquelas que seus pais usavam quando tinham a mesma idade” (PALFREY e GASSER, 2011, p. 15). Os Nativos digitais não se expressam criativamente apenas de forma diferente dos seus pais, mas também de maneira diferente dos seus professores, visto que “os Nativos Digitais conseguem aprender num minuto como usar um *software*... Agora, pesquisar significa fazer uma busca no *Google* e, para a maioria, fazer uma visita rápida à Wikipédia antes de mergulhar profundamente em um tópico” (*Idem*, p. 16).

Desta maneira, a educação escolar precisa oferecer formação específica aos seus professores Imigrantes Digitais, os quais lidam cotidianamente com alunos Nativos Digitais, com especificidades próprias do mundo digital e da cultura *online*. A tensa relação entre professor e aluno no cotidiano escolar está cada vez mais marcada pela presença da tecnologia, que é concebida de forma diferente pelos professores e pelos alunos. A formação inicial e/ou continuada de professores para a Educação Básica precisa contemplar de forma significativa o uso das tecnologias, tendo em vista que os alunos Nativos Digitais demandam dos professores maneiras novas de lidar com o conhecimento e com os métodos de ensino.

**O PROFESSOR DO “FUTURO”: REFLEXÕES A PARTIR DO CONCEITO DE APRENDIZAGEM RECONSTRUTIVA**

A formação docente deve estar sempre no cerne dos debates e reflexões atinentes a educação escolar. Nessas primeiras décadas do século XXI, o debate acerca da formação docente é tarefa premente, sobretudo pelo fato de estarmos vivendo em uma sociedade indiscutivelmente distinta daquela que predominou até o século XX, especialmente no que diz respeito as relações interpessoais, a produção do conhecimento e a magnitude das tecnologias informacionais e comunicacionais. Ser professor no século XXI certamente é, em muitos aspectos, diferente de ter sido professor nos séculos anteriores, principalmente até o início da década de 1990, período no qual o computador e a internet começaram a fazer parte do cotidiano das pessoas de uma maneira cada vez mais intensa.

O educador Pedro Demo (2009), em um brilhante texto intitulado de *professor do futuro e reconstrução do conhecimento*, chama atenção para o fato de que, em uma sociedade intensiva de conhecimento, como a nossa, “a definição de professor inclina-se para o desafio de cuidar da aprendizagem, não de dar aula” (p. 11). O professor deve ser um orientador, um cuidador da aprendizagem, garantindo ao aluno o direito de render. O termo “dar aula” popularizou-se como sinônimo de repasse de conhecimento, de maneira que os professores e as professoras são, erroneamente, identificados como sujeitos cuja função é transmitir e instruir. Nesta perspectiva, a prática docente, em muitos casos, é atividade meramente transmissiva e instrucionista, secularizada e cristalizada em muitas escolas e por muitos professores e professoras. No entanto, premente se faz enfatizar que a aprendizagem em nada deve ser atrelada ao simples repasse reprodutivo de conhecimento, tendo em vista que aprender é ação reconstrutiva (DEMO, 2009), que ocorre de dentro para fora, posto que “somos seres autorreferentes, temos da realidade externa visão reconstruída, não cópia reproduzida” (DEMO, 2009, p. 15).

Inegável é que vivemos em uma sociedade intensiva de conhecimento, na qual dispomos dos mais variados tipos e formas de dispositivos de armazenamento e compartilhamento de conteúdo e informações, os quais podem ser acessados em qualquer lugar e há qualquer momento. Nessa sociedade, é dispensável a função de professor enquanto sujeito que “dar aula”, no sentido tradicionalmente atribuído a esse termo. No entanto, ao mesmo tempo que dispensa o professor que apenas “dar aula”, a sociedade intensiva de conhecimento carece, gritantemente, do professor que cuida da aprendizagem, visto que “saber cuidar significa dedicação envolvente e contagiante, compromisso ético e técnico, habilidade sensível e sempre renovada de suporte do aluno, incluindo-se aí a rota de construção da autonomia” (DEMO, 2009, p. 13). Nesse sentido, o professor é, mais do que nunca, figura central e estratégica do processo de aprendizagem, mas cuja prática, na sociedade intensiva de conhecimento, deve destoar completamente da simples atitude transmissiva de caráter instrucionista:

Não só a demanda por professores vai aumentar muito, como principalmente os reclamos sobre sua qualidade vão crescer exponencialmente. Dificilmente o professor será o que é. Em geral, hoje: alguém que dá aula, transmite conhecimento, instrui e ensina. Mais que outras profissões, essa precisa de reconstrução completa, dentro da máxima: ser profissional hoje é, em primeiro lugar, saber renovar, reconstruir, refazer a profissão. Isto não denigre o desafio do domínio de conteúdos, mas, como esses se desatualizam no tempo, é fundamental saber renová-los de maneira permanente. Para os renovar, não basta conhecimento transmitido, reproduzido. É preciso saber reconstruir conhecimento com mão própria (DEMO, 2009, p. 11).

Dessa forma, a prática docente, frente a educação do aluno Nativo Digital, deve ser uma prática voltada para a motivação, a orientação e a avaliação, uma vez que o professor não pode e nem deve pensar pelo aluno. O aluno deve ser o cerne do processo de aprendizagem, como protagonista de pesquisas e descobertas. O professor deve orientá-lo nesse processo, efetivando o verdadeiro sentido de ensinar. A palavra ensinar deriva do latim *ensignare*, que significa marcar com um sinal, dar um sentido, dar um significado. É esta a função docente na sociedade intensiva de conhecimento: dar sentido ao mundo do aluno Nativo Digital, impregnar de sentido a sua vida, mostrar-lhe o caminho, a direção, fazê-lo crescer crítica e intelectualmente, de forma autônoma e libertária.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nós, professores e professoras, proferimos que os nossos jovens de hoje não se concentram, só falam bobagem e não desgrudam um segundo do *Smartphone*. Certamente nos esforçamos sobremaneira para dar o melhor de nós para os nossos alunos. No entanto, as nossas aulas podem ser muito mais produtivas e proveitosas, de forma que todos os dias de aula sejam também dias de aprendizagem. Para tal, não precisamos nos valer de metodologias ditas inovadoras, nem tornar a sala de aula um clube de bailes ou tampouco um ambiente circense. Ensinar consiste em uma ação dialética, na qual o ensinar faz parte do aprender e vice-versa. Ensinar pressupõe pesquisar, se envolver, orientar e avaliar. A pesquisa nos dota de ferramentas pedagógicas valiosíssimas, tendo em vista que o resultado de uma pesquisa sempre é o conhecimento. E tudo que nós precisamos para que as nossas aulas sejam momentos de aprendizagem é a pesquisa e tudo que a ela está atrelado: planejamento, metodologia e técnicas. A aprendizagem e a produção de conhecimento devem ser, necessariamente, os fins últimos da ação docente.

Quando menciono “conhecimento”, não estou a propor que o professor seja um transmissor ou depositário de informações. Refiro-me ao conhecimento que estimula os professores e professoras a criarem ferramentas estratégias de aprendizagem. Evidentemente esses conhecimentos não se restringem aqueles que adquirimos durante a nossa formação inicial – conhecimentos pedagógicos e conhecimentos específicos de cada área de formação –, mas dizem respeito também aos conhecimentos que precisam ser incorporados por meio de uma formação continuada, a qual possa contemplar as mudanças e especificidades do mundo pós-moderno, garantindo a atualização docente frente aos desafios demandados pelos nossos alunos Nativos Digitais e, simultaneamente, garantindo a estes uma aprendizagem reconstrutiva, autônoma, crítica e libertadora.

**REFERÊNCIAS:**

ANDERSON, Perry. **As origens da pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

DEMO, Pedro. Professor do Futuro e reconstrução do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.

EVANGELISTA, João Emanuel. **Elementos para uma crítica da cultura pós-moderna**. In Revista Novos Rumos – 30 – ano 16 – Nº 34 – 2001.

HOBSBAWM, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. 2ª ed. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 1995.

LEMOS, Silvana. **Nativos digitais x aprendizagens: um desafio para a escola.** *In* B. Téc. Senac: a R. Educ. Prof., Rio de Janeiro, v. 35, n.3, set./dez. 2009.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **As tecnologias da inteligência:** **o futuro do pensamento na era da informática.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 3ª. ed. São Paulo: Loyola, 1997.

PALFREY, John e GASSER, Urs. **Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais**. Porto Alegre: Grupo A, 2011.

PRENSKY, Marc. Disponível em <http://www.marcprensky.com/writing>. Acesso em 01 ago. 2011 (texto publicado na sua primeira versão em 2001).

ROUANET, Sergio Paulo. **As razões do iluminismo.** São Paulo: companhia da Letras, 1987.

VELLOSO, Ricardo Viana. **O ciberespaço como ágora eletrônica na sociedade contemporânea.** *In* Ci. Inf., Brasília, v. 37, n. 2, p. 103-109, maio/ago. 2008.